



MONSE: GÍRIAS E EMPODERAMENTO EM “ON MY BLOCK” (2018)

Letícia Amaral Vieira¹
Karine Rios de Oliveira Leite², Thiago André Rodrigues Leite³

¹ Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí / vieira.leticia@academico.ifg.edu.br

² Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí / karine.leite@ifg.edu.br

³ Instituto Federal de Goiás – Campus Jataí / thiago.leite@ifg.edu.br

Resumo

A série “On my block” (2018) estrutura-se aos moldes das características típicas das séries *teens*, com personagens, gírias, temas e conflitos próprios. Nela, embora questões sobre sexism, machismo e racismo não sejam abordadas centralmente, podem ser entrevistas ao observarmos especificamente vivências da personagem Monse, garota protagonista do grupo de amigos na série. Monse, uma adolescente negra e pobre, incentiva o grupo a se superar. Assim, analisamos como as gírias que ela emprega podem indicar vestígios de empoderamento. Para isso, tivemos como referenciais teóricos estudos de Cabello (2002) sobre gíria; e, para relacionarmos as gírias ao empoderamento, em uma perspectiva feminista, os estudos de hooks (2004) e Berth (2020). Tivemos como material de análise a série “On my block” e, como objeto de estudo, as gírias produzidas por Monse ao longo da série. Selecionamos e analisamos as gírias, pensando no fato de ocorrerem, predominantemente, em circunstâncias informais, privadas e, em alguma medida, marginais, permitindo a construção de certos sentidos, além dos atribuídos, na legenda em português, pela própria equipe tradutora da série. Constatamos que certas gírias empregadas pela garota indicam a transgressão a lugares sociais e linguísticos regularmente atribuídos à mulher (negra) na sociedade patriarcalista, configurando-se como empoderamento da protagonista Monse.

Palavras-chave: Monse. Gírias. Empoderamento.

Introdução

O sexism, o machismo e o racismo - estruturas de dominação e opressão - constituem sociedades e têm sido motes de produções de materiais audiovisuais que, se não os tematizam diretamente, tangenciam e podem fomentar reflexões a esse respeito, como é o caso da série “On my block” (“No meu bairro”), que estreou na plataforma de *streaming* Netflix, em 2018, e foi considerada, segundo Perez e Cañizares (2021), uma das séries *teens* mais assistidas nesse ano. Segundo consta do site dessa plataforma, essa produção tem como personagens, em sua maioria, jovens negros e latinos, que enfrentam problemas em um bairro periférico de Los Angeles, “onde a amizade de quatro adolescentes que frequentam o liceu [ensino médio] é testada ao longo da série”. Esse grupo de adolescentes, Monse, Jamal, Cesar e Ruby, conta “com o poder da amizade para sobreviver ao ensino médio em um bairro marginalizado de Los Angeles” (LA).

Nessa série, embora questões sobre sexismo, machismo e racismo não sejam abordadas centralmente, podem ser entrevistas ao serem observadas especificamente vivências de Monse, que, morando em um bairro periférico latino de LA, enfrenta a violência do local em que gangues rivais se confrontam, além de inúmeros conflitos interpessoais: o embate entre construir uma vida melhor e permanecer perto dos amigos, o desejo de manter o grupo unido, tensões com a mãe, que a abandonou quando ela era criança, questões amorosas com Cesar, entre outros.

Sendo uma série *teen*, com personagens, temas e conflitos próprios, “On my block” estrutura-se aos moldes das características típicas das séries para esse público, apresentando, entre elas, o uso de gírias. Todavia, chamou-nos a atenção esse emprego por parte da protagonista Monse, o que compreendemos estar relacionado ao modo como ela enfrenta as adversidades, ou seja, as gírias empregadas por ela refletem o empoderamento dessa garota, o qual concebemos, a partir de Berth (2020), como o enfrentamento ao sexismo, ao machismo e ao racismo, procurando alcançar a coletividade.

Nessa perspectiva, interessou-nos compreender como a produção de gírias por Monse permite entrever “empoderamento”, isto é, ao analisar manifestações linguísticas (gírias), pensarmos a possibilidade do empoderamento, como movimento individual e coletivo contra opressões. Para tanto, além de recortarmos os empregos de gírias por essa garota, buscamos compreender as condições sociais em seu entorno, alinhando aspectos linguísticos aos sociais, os quais apresentamos a seguir.

Monse e amigos: adolescentes em “On my block”

O nome da série, “On my block”, antecipa a importância de *Freeridge* (bairro ficcional) na trama desta produção. Isso não apenas porque a série é ambientada majoritariamente no bairro em que residem os protagonistas, mas pelas experiências vivenciadas no local e que constituem a subjetividade desse grupo de adolescentes. Trata-se de “um bairro marginal de Los Angeles” (PEREZ E CAÑIZARES, 2021, p.140, tradução nossa), onde famílias, amigos, gangues presenciam/vivenciam e enfrentam a violência, o uso de drogas, o racismo, a sexualização do corpo das mulheres, entre outros desafios.

A série, tendo como protagonistas membros do grupo da garota Monse, apresenta ao público personagens diversos, cuja composição, segundo Perez e Cañizares (2021), é heterogênea, representando uma mostra étnica diversa: Monse, afrolatina; Ruby e Cesar, latinos; e Jamal, afro-americano. Esses personagens são representados de acordo com

estereótipos, já que, no entendimento dos autores, as séries *teens*, para promoverem a identificação do público adolescente com os personagens e com a história, caracterizam e classificam a maior parte dos jovens conforme estereótipos, sendo os mais comuns: o atleta, a princesa, o cérebro, o caso perdido e o criminoso.

No entanto, de acordo com os autores, tratando-se de uma série que envolve a cultura espanhola, os estereótipos em “On my block” diferenciam-se, de certo modo, de tradicionais personagens de produções como as da Disney, as quais, muitas vezes, além de apresentarem uma realidade distorcida, veiculam estereótipos que reforçam valores sexistas, racistas e classistas. Segundo afirmado no site “Escotilha”, “a série já sai do padrão ao ter um elenco majoritariamente latino e negro, população sub-representada na ficção norte-americana”. Essa diferença se deve, em especial, ao fato de Monse ser protagonista da série e a grande heroína da história, ou seja, é representada de modo diverso do que usualmente ocorre na mídia: ela é “uma afrolatina, valente, madura, autônoma, inteligente e com aspirações a uma vida melhor, difere da imagem negativa e estereotipada que tradicionalmente se há projetado na ficção quando se trata de mulheres latinoamericanas” (Perez e Cañizares, 2021, p.160, tradução nossa).

Monse é uma garota, negra e pobre, abandonada pela mãe e criada pelo pai; pode ser considerada heroína por, entre outras razões, incentivar o grupo de amigos a se superar. É, segundo Perez e Cañizares (2021), determinada, sensível, inteligente, tem força de caráter e outras qualidades que, segundo os autores, promovem a empatia com o público adolescente. Assim, sendo uma série juvenil, com personagens, temas e conflitos característicos desse tipo de série, é, de certo modo, esperado que, na construção das personagens, com vistas à verossimilhança, haja usos linguísticos marcados por gírias.

Patriarcado, gírias e empoderamento: realidades em “On my block”

A autora bell hooks (2004) afirma que o patriarcado é um sistema que afeta as pessoas como um todo; um sistema político-social que molda homens e mulheres, uma construção cultural, assim como os papéis de gênero que esse sistema perpetua, sob alegação de manter “a organização do que é natural”. Para o patriarcado, esse suposto “trabalho natural” seria, para os homens, criar as regras, já que eles seriam naturalmente dominantes, superiores, e, para as mulheres, serem submissas e ajudarem os homens a executarem suas tarefas, devendo obedecerem e subordinarem-se ao “poderoso homem”, que tem o direito de dominar e reinar, e de manter esse domínio por meio de várias formas.

De tal modo, de acordo com a autora, o papel da mulher seria servir, ser fraca, ser livre do fardo de pensar, ter de cuidar e alimentar os outros; do homem, ser servido, prover, ser forte, pensar, estrategizar, planejar, recusar-se a cuidar e a alimentar os outros. Além disso, ser violenta não seria algo natural para mulheres; ao passo que, para os homens, o valor deles seria determinado exatamente pelo desejo de violência, com a qual eles podem até mesmo se divertirem. Embora, sob essa perspectiva, homens não possam expressar sentimentos, podem expressar raiva, exceto contra os desejos de seus pais. Porém, elas não podem expressar esse sentimento, aprendendo que a raiva, não sendo-lhes um sentimento apropriado, não deveria apenas não ser expressa, mas erradicada de seus comportamentos.

As considerações de hooks (2004) sobre o patriarcado demonstram, a nosso ver, como as mulheres, sob imposição da sociedade patriarcalista, são impelidas a, de modo geral, alienarem-se aos papéis que lhe são atribuídos, sujeitando-se a esse sistema, subordinando-se aos homens, resignando-se, conformando-se, etc. Não caberia a elas, portanto, resistir. Com isso em vista, refletimos acerca das vivências de Monse, que, apesar de ser submetida ao funcionamento desse sistema, apresenta comportamentos que resistem a ele e indicam o empoderamento individual dela, com consequente efeito na defesa de outras pessoas.

Entendemos que esse enfrentamento também pode ser observado no modo como ela se expressa, empregando algumas gírias. Segundo Cabello (2002, p.177), as gírias são uma manifestação linguística informal, uma linguagem especial (por se diferenciar da linguagem geral) e, desse modo, têm por característica o caráter restritivo de uso por determinado grupo social. É, de acordo com a autora, uma forma comunicacional voltada para a expressividade (cor social) ou forma de agressão (cor associal), dependendo do contexto, podendo ser usada com a intenção de depreciar ou glorificar, desrespeitar alguma norma, desfiar o sistema, desabafar (válvula de escape), agredir (salientar defeitos), expressar maturidade, força e masculinidade (por meio de termos machistas).

Especificamente sobre o que a autora classifica como “termos machistas”, ela esclarece que são termos e expressões que envolvem pontos de vista machistas, o que ela diz ser comprovado pela identificação da quantidade de termos relativos aos órgãos genitais masculinos, ao contrário de palavras que se referem à zona erógena da mulher. Além disso, são numerosos os termos e expressões que referenciam a “noção de copular”, que “surgem como sinônimo de ‘molestar’, ‘prejudicar’, ‘lesar’ etc., revelando uma mentalidade que vê a relação sexual mais como agressão que manifestação afetiva” (CABELLO, 2002, p.181).

Tendo em vista essas considerações sobre esse funcionamento linguístico, enfocamos

gírias empregadas por Monse, considerando o fato de ela ser uma garota que vivencia contextos de vulnerabilidade, marginalização, procurando enfrentar tudo isso, principalmente o patriarcado, por meio, por exemplo, do emprego de certas gírias, o que estaria relacionado a vivências de empoderamento, segundo concebido por Berth (2020).

Berth (2020, p.22) explica que o empoderamento, embora possa receber estímulos externos, é uma “movimentação interna de tomada de consciência ou do despertar de diversas potencialidades que definirão estratégias de enfrentamento das práticas do sistema de dominação machista e racista”, que, conforme entendemos, ao se voltar para estratégias de enfrentamento de práticas opressoras, projeta seu aspecto ampliado, de preocupação com o social. Segundo salienta a autora, o empoderamento individual é significativo quando visa ao empoderamento coletivo. Trata-se, pois, de “libertação individual a serviço da emancipação coletiva” (BERTH, 2020, p.25). Afirma, ainda, que o empoderamento apresenta muitas dimensões, as quais envolvem uma tomada de consciência da realidade, das desigualdades, um sentimento de autoestima, entre outros aspectos, o que é vivenciado pela protagonista Monse ao longo da série.

Monse é uma garota situada na interseccionalidade: mulher, negra e periférica, vivenciando essa movimentação de “tomada de consciência” e de enfrentamento de práticas de dominação. Ela tensiona, nas conversas e interações, por exemplo, papéis e questões de gênero, raça e classe, ao (re)agir com certa contundência, com coragem, e não resignada e fragilmente. Vive rodeada por homens: mora com o pai e convive intensamente com Cesar, Jamal e Ruby. Parece reconhecer neste uma masculinidade outra, distinta, por exemplo, daquela vivenciada por Cesar, e respeita a masculinidade de Ruby, sem “exigir” dele que seja diferente do que ele, como homem, é. Desse modo, ela valida perspectiva menos sexista e machista na constituição do ser homem. Semelhantemente, em relação a Jamal, Monse o encoraja a sustentar a resistência à suposta imposição paterna para a prática de futebol americano. O amigo acredita que o pai ficará muito bravo se souber que ele não gosta desse esporte, e não aceitará isso. Porém, Monse o encoraja a se libertar da aparente opressão sexista do pai, e ser verdadeiro e fiel a si mesmo, desconstruindo, de certo modo, a ideia de que, sendo homem, deveria gostar desse esporte.

Como moradora de um bairro majoritariamente composto por pessoas negras e latinas, Monse demonstra reconhecimento da marginalização vivenciada por essas pessoas naquele contexto. Assim, a gangue do Santos, pela desigualdade do sistema, seria “o fim” de Cesar, ideia e lugar dos quais ela tenta demovê-lo, tentando, com a ajuda dos demais amigos,

resgatar/retirar Cesar da gangue, do contexto de violência do qual ele participa, buscando para ele um futuro melhor, um futuro por meio dos estudos.

Além disso, quando Olivia se muda para o bairro, Monse procura orientar a nova amiga em relação aos “*dos*” e “*dont’s*” (espécie de código de conduta do que seria permitido ou não) do local, indicando o desejo de proteger a garota. Monse chama Olivia para conhecer o bairro, demonstrando preocupação com a segurança dela. Para além dessa segurança da amiga, Monse questiona e confronta, em atitudes e dizeres, perspectivas machistas, de padronizações estéticas e comportamentais que violentam mulheres. A exemplo disso, está sua atuação junto a Olivia, refletindo sobre a objetificação de corpos das mulheres, que costuma acontecer em alguns tipos de festas.

De modo especial, destacamos a dimensão estética do empoderamento de Monse. Isso porque, de acordo com Berth (2020, p.114), “sem o fortalecimento da autoestima, não temos força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento”. A autora não se refere à banalização do conceito de autoestima, especificamente voltado à estética individual, mas à necessidade de alterar estruturas. Nesse escopo, a autora destaca o papel dos cabelos, os quais têm sido um “fardo difícil” para mulheres negras, cujos cabelos e cuja estética são historicamente desqualificados. Assim, conforme ela concebe, os discursos e as narrativas de enfrentamento do racismo vigente que exaltam os cabelos como orgulho racial seria “cuspir de volta para a boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de toda uma vida” (BERTH, 2020, p.116-117).

A autoafirmação da estética negra é uma forma de percepção da identidade capaz de resistir ao racismo, de modo que, amando os cabelos, os traços fenotípicos dessa estética, está-se enfrentando o sistema racista. Nesse ponto, também atua Monse, que não apenas mantém vestimentas que a agradam, mas também seu cabelo, com a textura e volume que lhe são característicos, o que compreendemos como “mecanismos interiores de autoamor e autovalorização” (BERTH, 2020, p. 121), fundamentais para o empoderamento. Logo, identificando inúmeros pontos de evidência de empoderamento vivenciado por Monse, interessamo-nos, especificamente, pelo modo como ele se manifesta por meio de gírias.

Gírias e empoderamento: construindo um modo de análise linguística e feminista

A fim de refletirmos e problematizarmos as gírias ditas por Monse como efeito de empoderamento, assistimos à série “*On my block*”, a fim de identificarmos e registrarmos essas gírias, contextualizando-as em termos de condições sociais em que emergiram, compondo,

assim, nosso *corpus*. Como condições sociais, compreendemos o “entorno” de Monse: o bairro onde mora, a escola onde estuda, o grupo de amigos, as tensões diversas por ser garota negra e periférica (sua vestimenta, estética em geral, cabelo...). Isso porque não desvinculamos as “gírias” das “condições sociais”, já que o social vincula-se ao linguístico, o afeta e o constitui, tanto que, quando Monse se muda temporariamente para a casa da mãe, em um bairro tido como “nobre”, sofre as afetações do lugar, muda provisoriamente sua vestimenta, seu cabelo, e, de certa forma, até seu modo de enxergar o mundo. Então, em última instância, vinculamos as gírias às condições sociais, a fim de analisarmos sentidos possíveis e reveladores de uma garota negra e periférica, que se empodera e resiste às mais diversas formas de (o)pressões.

Para isso, recortamos sequências linguísticas em que uma possível gíria tenha emergido em dizeres de Monse, fosse uma palavra, fosse uma expressão. Utilizamos, para consultas, análises e estudos, dois livros sobre gírias e seus principais modos emprego: “Inglês de rua: as gírias e os termos coloquiais usados pelos americanos”, de Igreja e Young (2014), e “Slang: gírias atuais do inglês”, de Scholes (2004). Ambos os livros abordam gírias de modo contextualizado e nos permitiram identificar se uma dada palavra ou expressão em inglês é concebida como gíria.

Também pensando o fato de as gírias ocorrerem, predominantemente, em circunstâncias informais, privadas e, em alguma medida, marginais, atribuímos certos sentidos, para além dos significados apontados nos livros e na legendagem pela própria equipe tradutora da série. Para isso, assistimos a “On my block”, com o áudio em inglês e com a legenda ora em português, ora em inglês. Assim procedemos, concebendo que outros sentidos também possíveis podem permitir entrever maior visibilidade ao empoderamento da personagem, e que talvez tenham sido preteridos¹ na tradução da série, posto que esta é um recorte de possibilidades.

Com vistas a isso, não se mostra relevante atermo-nos à quantidade de gírias empregadas pela personagem ou a contabilizar e analisar todos os empregos, mas analisar como gírias empregadas por Monse permitem entrever efeito de empoderamento. Nesse sentido, embora, metodologicamente, tenhamos assistido a toda a série, a fim de verificarmos o emprego das gírias, não apresentamos, neste artigo, todas elas, e sim algumas que conferem maior visibilidade à relação que aventamos aqui.

¹ Dado o escopo deste trabalho, não nos dedicamos a problematizar e analisar o silenciamento de sentidos de gírias que possa ocorrer na tradução da série. Quando mencionamos “tradução da série”, referimo-nos à tradução feita na legendagem em Português.

Nesses movimentos de análise, investigamos e problematizamos como gírias produzidas por Monse podem ser evidências de seu empoderamento no enfrentamento a conflitos subjetivos e sociais (individuais e coletivos), recordando, na seção a seguir, aquelas que melhor evidenciam isso. Procedendo assim, entendemos que assumimos um modo de análise que é linguístico, mas também feminista. Melhor dizendo: um compromisso social.

Gírias e empoderamento: sentidos e enfrentamentos

No primeiro episódio da primeira temporada, Monse pergunta a Ruby e Jamal onde está Cesar. Eles dizem que não estão conversando com esse amigo, mas afirmam não poderem dizer o motivo disso. Então, Monse, em tom de revolta, diz: “*You’re totally deflecting this whole Cesar sitch. So stop being bitches and tell me.*”. Na tradução da série: “Você está desviando toda essa tensão com o César. Parem de ser uns **merdas** e me contem.”.

Nessa situação de conflito, a garota demonstra preocupação com um integrante do grupo de amigos e emprega duas gírias, “*sitch*” e “*bitches*”, o que pode ser associado a indícios de empoderamento pelo modo como ela lida com o enfrentamento dessa tensão. A primeira, sendo uma abreviação de “sitação”²; e a segunda, um uso pejorativo para se referir à mulher, “puta”, e também pode significar “mulher desagradável”, “mal-humorada”, “megera”, “vaca”, “cadela”, “filho da puta”, ou, como interpretamos, insulto genérico, significando “babacas”, “idiotas”.

A menina reage com firmeza, inclusive empregando verbos no modo imperativo, dando “ordem”, quando os jovens escondem dela informações sobre o amigo. Ela se posiciona contundentemente contra o silêncio deles, silêncio que a priva de informações, chegando a chamá-los de “*bitches*”, que seria considerada uma gíria que compõe o domínio lexical do sexo, visto como tabu na sociedade ocidental, conforme Cabello (2002).

Empregando essa gíria, considerada vulgar, Monse, além de afrontar, com o uso do termo desse domínio tabu, age de modo agressivo contra o fato de ser excluída, pelos amigos, dos assuntos, ou seja, de ser privada de saber a respeito do que estava acontecendo com um dos amigos do grupo, como se houvesse certos conteúdos que não fossem apropriados para as mulheres, ou com os quais elas não seriam capazes de lidar ou opinar. Assim, o emprego dessa gíria permite entrever a resistência de Monse ao funcionamento patriarcal de excluir mulheres, e de os homens serem protagonistas nas discussões, no pensar, estrategizar. Ela não protege o

² Essa gíria não será analisada aqui, tendo em vista o objetivo do trabalho de se dedicar a gírias que indiciem empoderamento, o que, até o momento, não vimos relacionado ao vocabulário em questão.

grupo, mostrando-se submissa, subserviente, resiliente, frágil... Ao contrário, mostra-se decidida, firme e contundente, rompendo com estereótipos e papéis de gênero.

No mesmo contexto, Ruby diz que não contará a Monse o que Cesar fez, para, assim, protegê-la. Ela diz: “*My own protection? Eat a dick!*”. Na tradução da série: “Me proteger? Não enche.”. A expressão em destaque é composta de um termo que, por si só, é uma gíria, “*dick*”, traduzida por “pinto”, “pau”, “caralho”, “pica”, “pênis”, “imbécil”, “idiota”, “incompetente”, “estúpido” e “cretino”. Consequentemente, a expressão pode ser traduzida da seguinte maneira: “coma um pau”.

Ao dizer “*Eat a dick!*”, na sequência da pergunta “*My own protection?*”, Monse permite interpretar que ela sinaliza revolta e não precisar de proteção, ou melhor, não precisa de que alguém a proteja. Monse reage agressivamente a essa atitude do amigo, demonstrando empoderamento ao indicar que ela pode se proteger sozinha, sem a necessidade da proteção de um homem, desconstruindo características e papéis de gênero. Mostra-se forte, segura, isto é, desconstrói a representação de mulher frágil tão propalada em dizeres patriarcais. Emprega o verbo no imperativo novamente, xingando Ruby, demonstrando autoridade, inclusive sobre si própria, desafiando o sistema patriarcal.

No nono episódio da primeira temporada, Ruby, Jamal e Monse estão em uma missão para desvendar o mistério de um o dinheiro perdido, porque precisam do dinheiro para salvarem o Cesar, afastando-o do bairro e, consequentemente, da gangue à qual ele pertence. Na investigação, Ruby começa a fazer piadas, e Monse se irrita, por esse ser um momento sério: “*We don't have time for dick jokes. Cesar needs us. Stop dicking around.*”. Na tradução da série: “Não dá tempo para piadas de pinto. César precisa de nós. Pare de pentelhar.”. Outras possíveis traduções para a expressão gírica seriam: “Para de escrotizar”, “enrolando”, “perdendo tempo”, “fazendo besteiras”, “zoando”, “brincando”.

Nessa e em outras cenas, Monse demonstra maturidade, assume o papel de liderança e toma iniciativa em meio às missões e desafios enfrentados pelo grupo, papel comumente mais destinado aos homens na sociedade patriarcal, conferido “naturalmente” a homens. Lembrando que, conforme identificado por Perez e Cañizares (2021), a série rompe com um padrão de representação da jovem negra, pois, além de ela ser protagonista, é representada como a heroína, que mantém o grupo unido e atua em sua defesa, o que é corroborado por nossa análise, ao Monse demonstrar empoderamento em suas ações, protagonizando várias ações individuais, bem como junto ao e em prol do grupo.

No terceiro episódio da primeira temporada, dias depois de uma prima de Ruby, Olivia,

chegar à cidade e se tornar amiga de Monse, é anunciado o baile da escola. Monse tenta convencer a amiga a não irem ao baile. Ela sugere isso como forma de manifestação contra fatos que acontecem com as mulheres nesse tipo de festa. No entanto, após mudar de ideia e decidir ir ao baile, Olivia tenta ajudar Monse a encontrar uma roupa para a ocasião. Então, Monse começa a experimentar vestidos de Olivia, mas não gosta, não se sente bem com as roupas da amiga.

Monse diz que não se importa se alguém não gostar das suas roupas, porque ela usará aquilo com que ela se sente confortável: “*Screw this! If somebody doesn't like it, they can suck a butt*”. “Dane-se. Se alguém não gostar, pode ir se ferrar”. A gíria “**screw this**” pode ser traduzida como “foda-se”, “que se dane” ou “não estou nem aí”. A outra expressão gírica, “**suck a butt**”, em sua tradução literal, significa “chupar uma bunda”, mas, como gíria, pode significar “se foder” ou “ir à merda”.

Monse demonstra revolta, protesta contra os padrões de vestimenta impostos às mulheres, que, muitas vezes, são induzidas usarem roupas que não são confortáveis ou a se sexualizarem para os homens. Assim, ela resiste a esses padrões, sinalizando não se permitir vestir algo que não a agrade, que não faça seu estilo, que seja desconfortável, simplesmente para agradar os outros, ou para chamar a atenção de homens. Isso evidencia a relação feita por Berth (2020) entre empoderamento e estética: ao fazer essa afirmação de autoamor, de autoaceitação, existe uma perspectiva individual de empoderamento por parte de Monse, mas também um comportamento que pode contribuir para o empoderamento das mulheres à sua volta, que são suas amigas e acompanham sua trajetória, como Olivia e Jasmine.

Monse apresenta comportamento de liderança, indiciando seu empoderamento, mas também é algo que ela encoraja a outras garotas da série, como ocorre no segundo episódio da terceira temporada. O grupo de amigos vive uma missão: achar o Lil Ricky, um dos integrantes da gangue do Santos. Outra amiga deles, Jasmine, estava na missão também, e Monse disse que vai confiar nela para liderar a investigação, descrevendo-a como “*A strong woman who gets shit done*.”. “Um mulherão da porra.”. A tradução literal da expressão em evidência seria “deixa a merda feita”, porém, o uso comum é com significado de “fazer o que tem que ser feito”, “dar conta do recado”, “resolver as paradas”. Monse demonstra sororidade, solidariedade, reconhecimento das potencialidades e capacidades de outra mulher, apoiando-a, colocando-a em alto patamar e confiando nela como líder.

Diante do que se espera como comportamento da mulher em uma sociedade patriarcal, segundo abordado por hooks (2004), Monse produz gírias cujos sentidos representam uma

espécie de “transgressão”. Especificamente sobre termos e expressões machistas, compreendemos que, ao empregá-los nas gírias que produz, no contexto em que faz a garota, ela ressignifica tais termos e expressões, pois o faz não para perpetuar o sexismo, o machismo, o patriarcado, mas exatamente para enfrentá-los.

Desse modo, Monse se apropria de uma linguagem que seria considerada masculina e machista, destinada a exercer formas de poder sobre as mulheres, e reverte esse funcionamento, ao empregá-la em construções linguísticas e contextos em que ela justamente enfrenta sistemas de opressão, já que, como mulher, produzir gírias de teor que possa ser considerado como agressivo, com palavras relacionadas à sexualidade, afronta os lugares atribuídos à mulher pela e na sociedade patriarcalista. Assim, as gírias se configuram como tentativa de encontrar outra(s) forma(s) de existir, de se expressar, de viver distanciadas das normas que o funcionamento e o discurso patriarcais impõem.

Considerações Finais

Partindo da materialidade linguística de “gírias” empregadas por Monse, pensamos empoderamento (individual e coletivo), ao enfrentar práticas dominantes/dominadoras da cultura patriarcal. O empoderamento enseja, em Monse, lutas que são feministas, ainda que esta personagem não se intitule “feminista”. Isso porque, sendo uma garota negra e periférica, é submetida ao sexismo, racismo, capitalismo, práticas estas que são sociais e discursivas e a colocam em uma posição de oprimida. O fato de ela tomar consciência de suas potencialidades, ou seja, seu empoderamento, permite que trave lutas contra essas práticas por meio do uso de certas gírias, por exemplo.

Consideramos o emprego de gírias por Monse como lugar linguístico que tenta promover rupturas no funcionamento da sociedade patriarcal e racista, validando sua forma de existência e de outras pessoas como ela, reforçando a perspectiva de que o empoderamento, conforme Berth (2022), é algo que se dá coletivamente.

Monse, apesar de vivenciar e até, de certo modo, reproduzir práticas de cunho patriarcal, resiste a esse sistema, promovendo rupturas por meio do emprego de gírias. Imersa em um contexto de “patriarcado imperialista, supremacista branco, capitalista”, “sistemas políticos interligados que estão na base da política de nossa nação”³ (HOOKS, 2004, p.38, tradução

³ “I often use the phrase ‘imperialist white-supremacist capitalist patriarchy’ to describe the interlocking political systems that are the foundation of our nation’s politics.”

nossa), essa personagem está constantemente inserida, constituída por práticas de dominação (a do sexism, do machismo, do racismo, do capitalismo). Todavia, resiste e promove rupturas a elas, vivenciando práticas sociais e linguísticas, especificamente por meio de gírias, que se constituem práticas libertadoras envolvidas ao processo de empoderamento dessa mulher.

Agências de fomento: Nossos agradecimentos ao CNPq pelo fomento à pesquisa.

Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Linguagens especiais: realidade linguística operante. In: **Uniletras**. v. 24. n.1 2002.

HOOKS, bell. Understanding patriarchy. In: **The will to change**: men, masculinity and love. Atria Books: New York, 2004.

IGREJA, José Roberto A.; YOUNG, Roberto C. **Inglês de Rua**: as gírias e os termos coloquiais usados pelos americanos. Barueri, SP: DISAL, 2014.

NETFLIX. **Media Center**. São Paulo. Disponível em: <https://media.netflix.com/pt_br/> Acesso em: 10 ago. 2025.

“On my block” encanta pela semelhança com a realidade. Disponível em: <<https://escotilha.com.br/televisao/serie-on-my-block-primeira-temporada-netflix-resenha-critica/>> Acesso em: 10 ago. 2025.

PEREZ, Azucena Pereira. CAÑIZARES, Elpidio del Campo. Binge-Watching. Análisis de un caso de éxito: On my block. In: **SERIARTE**. v. 1, 2021.

SCHOLES, Jack. **Slang**: gírias atuais do inglês. São Paulo: Disal, 2004.